Ano 63.º—Numero 6:405—Sabado, 14 de novembro de 1914

DIRETOR—Firmino de Vilhena

Campeão das Provincias

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO DIRETOR

Avenida Agostinho Pinheiro

Endereço telegrafico: "CAMPEÃO,"—AVEIRO

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino de Almeida Maia

Decano dos jornais portuguezes

ASSINATURAS—Ano 2$60 Numero do dia, 4 centavos; atrazado, 5 centavos. Africa, 3$50. Brazil, 4$50. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia com ela dispendida.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre. Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 10 centavos por linha. Anuncios, 4 centavos por linha singela. Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo Os srs. assinantes teem o abatimento de 30 % nos anuncios e impressos feitos nas nossas Oficinas. Anunciam-se as publicações de que á redação seja enviado um exemplar.

Os Estados influentes

VII

Ambos tendem a um fim, embora diverso. A causa do enfraquecimento do principio da autoridade está em ter a civilisação conseguido a formula geral, sintetica, na qual se conciliam os direitos morais e politicos das nações e dos individuos, não representando para com ela a historia, a tradição, a raça e a nacionalidade senão as contradições que a situação, o genio e as tendencias particulares dos povos oferecem a essa harmonia para que a filosofia, a literatura, a sciencia, e industria, e todos os inventos vão dispondo as ideias e preparando o mundo.

Por mais vivaz e forte que seja uma nacionalidade, não é isso o que ha de torna-la predominante, moral e politicamente.

Sendo assim, ha de a Russia tomar as fórmas da civilisação atual, e adotar-lhe a ideia se aspira a ter uma iniciativa de progresso. Por emquanto a sua ação em face da Europa moderna, só pode sêr negativa como repressora do espirito liberal e democratico.

Não se creia o panslavismo uma doutrina iniciadora, de onde resulte uma nova face da sociedade. Muito se engana a Russia se, para invadir a Europa, espera a sua dissolução moral e politica, como uma consequencia inevitavel das ideias modernas; ainda que todas as circunstancias se lhe apresentem favoraveis, não será o principio de autoridade autocratica que ha de constituir a sociedade futura. O desejo de unidade que se apossou dos povos, não irá pedir ao longe que aceitem o mais irracional despotismo como obreiro da fusão de todas as raças.

O czar consumiria em vão as suas forças. Não cabe aos slavos missão alguma civilisadora. Não teem eles o genio administrativo dos romanos, nem a especulação sistematica dos alemães, nem o espirito social da França. Tudo o que a Russia é ou vale é uma imitação artificial da Europa. A selvageria do Norte não dominará os grandes principios moderno já tão radicados no espirito e na vida das nações. No dia em que a Russia se identificasse com a Europa, acabaria a autoridade dos czars.

Ao inverso do que espera, as potencias que até agora maquinavam contra a França, isto é, contra as suas instituições e ideias revolucionarias, aproximam-se dela. A Austria que se transforma; a Prussia que adotou, ha muito, na sua constituição e nos seus codigos os principios da revolução franceza; a Italia que se unificou pelo sistema liberal; a Espanha, que fermenta em ideias democraticas e se emancipou dos neo-catolicos; e Portugal que por todos os interesses seus devia ligar-se mais á politica do continente, não repugnam a uma aliança federativa, com vastos e grandiosos intuitos, na qual descansem e confiem a independencia e a prosperidade da Europa, e a civilisação progressiva do mundo. O panslavismo, a russificação universal, é um sonho como o é a superioridade que a Alemanha-do-norte se atribue hoje sobre as raças latinas como um direito de predominio

VIII

A luta, em 1870, entre a França e a Prussia, era avaliada no começo como uma questão puramente militar; discutia-se a guerra segundo os recursos das duas potencias, os seus armamentos, a sciencia dos chefes, e o valor dos soldados; mas toma agora essa questão maior vulto; pretende se dar-lhe mais alcance e significação, atribuindo-se as derrotas da França a causas mais profundas, a defeitos de raça, a falta de coesão na sociedade franceza, ao seu espirito dissolvente, á perda do sentimento do direito, ao desprezo das tradições, e á superioridade da raça germanica considerada debaixo de todos estes pontos de vista

Tudo isso é inaceitavel.

(*Continua*)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Administração do distrito

Foi, como dissemos em nota da ultima hora, no nosso n.º anterior, aceite ao sr. dr. Augusto Gil o seu pedido de exoneração do cargo de governador civil do distrito.

De ha mêzes sua ex.ª instava pela sua substituição. O cargo é de agudos espinhos, mormente entre nós, onde todos se julgam no direito de impôr-se á autoridade.

O sr. dr. Augusto Gil tinha arredado daquela casa tropeços que a deslustravam. Foi o seu primeiro acto de saneamento. Outros se lhe seguiram, sempre com o aplauso da opinião imparcial e justa.

Gorvernou e sofreu desgostos. Por fim solicitou a exoneração, que lhe foi dada ao cabo de reiteradas instancias. Quem lhe sucederá? Diz-se que o sr. dr. João Salema. Seja quem fôr, tem de manter no seu gabinete aquela atmosfera com que o saneou o sr. dr. Augusto Gil.

JORNAL DE LISBOA

Lisboa, 13 de novembro de 1914

O governo assentou, de facto, numa das suas ultimas reuniões, no envio de novos reforços militares para Angola e Moçambique.

Vai, por isso, ser organisado um corpo expedicionario constituido pelas tres armas, cujo efetivo não está ainda completamente determinado mas que deve partir brevemente.

Com este nucleo, com o batalhão de marinheiros que já marchou e com o efetivo do destacamento mixto já no sul de Angola, concentram-se ali tropas europeias em numero suficiente para ocorrer a qualquer facto anormal que possa dar-se, ficando a gente mais tranquila pelas garantias que, alem do seu provado patriotismo e ardor militar, nos dá o maior numero dos bons soldados do nosso exercito.

Aí tem a sua constituição, tal como está planeada: 3.º batalhão de infanteria 16, de Lisboa; 3.º batalhão de infanteria 17, de Beja; 1.ª e 3.ª baterias de artilharia de montanha, de Portalegre; 2.ª bateria do 2.º grupo de metralhadoras, da Guarda; 2.ª bateria do 3.º grupo de metralhadoras, do Porto; 3.º esquadrão de cavalaria 11, de Braga. O 3.º batalhão de infateria 16 será organizado: pelos oficiais oferecidos do quadro permanente e milicianos do 3.º batalhão e bem assim pelos que pela convocação ordinaria ou extraordinaria lhe pertençam; pelos oficiais de infanteria, medicos e da administração militar em serviço ativo que se ofereçam, com exceção dos pertencentes ás unidades ativas das 1.ª e 7.ª divisões, ou a alguns do 4.º, 5.º, 6.º e 8.º grupos de metralhadoras; aos regimentos de artilharia 2, 3 e 5 e ás unidades do campo entrincheirado; pelas praças que voluntariamente se ofereçam; do quadro permanente e licenceadas do 3.º batalhão de infanteria 16, dos regimentos de infateria de reserva da 1.ª divisão, do quadro permanente, licenceadas e reservistas das unidades de infanteria das 2.ª, 6.ª e 8.ª divisões. Pelas praças do quadro permanente e licenceados do 3.º batalhão de infanteria 15 necessarias para completar o efetivo de guerra a começar nas licenceadas pelas classes mais modernas. Identicas disposições se aplicam á organisação de mais unidades, tendo em atenção, porem, a arma e divisão a que pertencem. Aos oficiais e praças expedicionarias serão abonados os vencimentos já regulamentados. Nenhum oferecimento de oficial ou praça poderá ser retirado, salvo por motivo de doença devidamente comprovada. Os oficiais e praças nomeados, oferecidos ou convocados, devem apresentar-se nas respetivas unidades ás 9 horas, no dia 22 do corrente. Nesse dia e no seguinte realisar-se-ha, em cada unidade que destaca, uma inspeção extraordinaria á qual serão submetidos os oficiais e praças expedicionarias. No dia 25 as unidades estarão prontas a marchar para Lisboa completamente mibilisadas, embarcando para Angola no dia 1 dezembro.

São os seguintes os magistrados e funcionarios encarregados de proceder a averiguações sobre os ultimos acontecimentos em varias terras do paiz:

Lisboa, dr. Abrahão de Carvalho; Mafra, dr. João Eloy; Bragança e Vila-real, dr. João Batista da Silva; Porto, a policia judiciaria; Evora, dr. Joaquim Crisostomo; Vizeu, Floro Henriques; Viana do Castelo, dr. Antonio Carlos Alves; Leiria, dr. Adolfo Coutinho; Portalegre, tenente-coronel Souza Rosa, e Guarda, o comissario de policia.

A legação da Alemanha na Haia, diz uma comunicação chegada de Londres, nega que tenha havido na Africa qualquer recontro entre portuguezes e alemães. E, para fechar, os mais recentes telegramas sobre o estado das operações no teatro da guerra:

De *Londres*.—O exercito alemão retido no Ypres tem perdido 100 mil homens.

De *Petrogrado*.—Os alemães acabam de sofrer grande derrota na Galicia. Infinitas baixas e 12 canhões.

Os russos aproximam-se de Mazurei. Os conbates em Goldan, Mlava e Soldan foram-lhes favoraveis.—**Jota.**

COLECTANEA AVEIRENSE

Touradas de fidalgos

Ainda estão na memoria de muitos as duas soberbas touradas realisadas aqui em 1875 sob a direção do marquez de Castelo-Melhor, ha anos falecido, como falecidos são quasi todos os que nelas tomaram parte e se pode verificar cotejando o programa que segue:

Praça do Campo de S. João em Aveiro. Corridas de touros desempenhadas por curiosos. em beneficio do Asilo de José Estevam, nos dias 16 e 19 de setembro de 1875, ás quatro horas e 1 quarto da tarde.

16 touros sendo 8 para cada tarde.

As *mônas* são oferecidas pelas Il.mas e ex.mas sr.as D. Carlota Albora de Quiroga, D. Sofia Ferreira de Castro, D. Maria Barbara Rangel de Quadros e Garcia, D. Emilia Tineo do Amaral Osorio, D. Rita de Miranda Coelho de Magalhães, D. Eduarda Augusta do Amaral Osorio, D. Dorotea Coelho de Magalhães, D. Laura e D. Fernanda do Amaral Osorio e Catalá.

Cavaleiros: Marquez de Belas, José Ferreira Pinto de Avilez e Gaspar de Castro e Lemos. *Neto:* Luiz Antonio Martins.

Andarilhos: Alberto Catalá e Alberto Leite Ribeiro.

Bandarilheiros: Domingos Antonio Poeira, Antonio de Pina Manique, Diogo de Pina Manique, Rafael de Pina Manique, visconde da Graça e Pedro Antonio de Bitencourt Raposo.

Moços de furcado: D. Alexandre de Saldanha da Gama, Antonio Velez Caldeira, Alfredo Tinoco da Silva, Eduardo Rebelo de Andrade, Ignacio Rebelo de Andrade, Fernando da Silva Pereira, Rafael Lopes da Mota e João Meleças.

Distribuição das corridas: 1.º touro, para o cavaleiro marquez de Belas; 2.º, para J. F. Pinto de Avilez; 3.º para o 1.º terno de bandarilheiros; 4.º, para o cavaleiro G. de Castro Lemos; 5.º, para o marquez de Belas; 6.º, para o 2.º terno de bandarilheiros; 7.º e 8.º, para os cavaleiros G. de Castro Lemos e J. F. Pinto de Avilez.

Os touros pertencem ao sr. José da Mota Gaspar.

Tomaram a iniciativa desta corrida alguns cavalheiros da cidade de Aveiro, reunidos em comissão, coadjuvados pela comissão tauromaquica permanente.

Preços: camarotes, 6$000 reis, sombra, 700 reis; sol, 300 reis. Ha comboios em todas as estações a preços reduzidos.

N. B. O diretor da praça fará qualquer alteração que julgar conveniente.»

Campanha parlamentar de José Estevam

Ha duas edições de alguns dos discursos de José Estevam: uma do sr. Simões Franco, 1878, e outra do sr. Luiz de Magalhães, 1909. Estão aí reunidos, na integra, umas quatorze orações parlamentares do grande tribuno, é verdade, mas quantas mais estão espalhadas pelos «Diarios-das-camaras»?! Só estas formariam volumes e volumes. E' inteiramente impossivel reproduzi-las aqui, mas de algumas reproduziremos os trechos principais para se avaliar melhor a eloquencia e patriotismo do ilustre filho de Aveiro. Não haverá seleção de assuntos nem ordem cronologica nestas trascrições, que serão publicadas á maneira que as formos encontrando.

I

«Dizem-me que o sr. Pina Cabral era um magistrado novo, e que daí passou logo a desembargador. Ora o sr. Pina Cabral passou a desembargador! Mas em que epoca? Não sabemos todos que saltos se deram então? Não sabemos os saltos que deu muita gente? Ainda a muitos dóem as pernas por esses saltos. Eu não dei nenhum, porque passei de cabo de esquadra a segundo tenente; mas fizeram-me segundo-tenente para morrer mais depressa, porque não havia já quem morresse.» (1)

(Sessão da camara dos deputados de 8 de junho de 1855).

II

«Sr. presidente, eu levantei-me para sustentar o projeto, mas não tenho senão uma rasão que dar, só uma, e é a seguinte. Se 700$000 é uma retribuição excessiva para o magisterio da escola naval. Eu suponho que não. Não sei se outras tem mais, nem se tem menos; pergunto se póde ser lente proprietario da Escola naval com menos de 700$000 reis. Esta é a tese que eu indico aos contraditores do projeto. E o sr. Palmeirim que, creio, fundado em rasões legais, combate o projeto porque o assinou vencido, queria que me respondesse a esta pergunta; se ele entende que no estado atual da retribuição do serviço publico, 700$000 é um subsidio excessivo para o professorado na escola naval. Eu não percebo que um lente ou professor, por que é militar, possa receber mais que um paisano, sendo tambem professor. Se se quizesse conceder alguma cousa mais aos militares em atenção ás patentes, póde-se conceder; mas que o mesmo que o militar recebe, não possa receber o paisano: por modo nenhum.

Eu não creio que um capitão vá instruir ou mandar tropa para uma cadeira; não creio que um coronel vá comandar um regimento; não creio que um brigadeiro vá fazer manobras com uma brigada; creio que vá ensinar; portanto, devem ter egual retribuição o lente militar e o lente paisano. Falo com muito acanhamento porque sou militar e paisano, mas declaro á camara que, se ainda se me fizesse alguma exceção mandava para o asilo de mendicidade aquilo que daí me viesse.

A unica cadeira que tem 600$000 reis é a minha da pobre sciencia economica. Tenho de ensinar direito comercial, direito administrativo, e economia politica; e porque tudo isto é uma molhada de sciencia, tenho só 600$000 reis, é uma mesquinha retribuição dos professores; mas, emfim, não ha remedio senão conformarmo-nos com isso; porque ela é pequena, è que tambem não ha professores como deviam sêr, e por consequencia não póde haver instrução. Um professor, diga-se a verdade, é preciso que se ocupe *exclusivamente* da sciencia, e para isso é necessario que o Estado lhe garanta os meios indispensaveis para bem aprender, e para bem ensinar. Mas tudo são milagres. Que cousa é um professor destes ter a casa tão erma de cadeiras, como erma de livros? Portanto, eu voto pelos 700$000 reis. E se alguma lei se opozer a isto, nós sabemos o remedio, que é aquele artigo de todas as leis:—Fica revogada a legislação em contrario.—derrotando de um só golpe tudo que se opozer a esta boa intenção.»

(Sessão de 4 de junho de 1855).

III

Sr. presidente, eu não antecipo um debate, a que a camara ha de aprazar a tempo, e a que hão de preceder as informações necessarias; eu pedi a palavra simplesmente para testimunhar diante da camara, que muitos dos honrados soldados, que vi tão facilmente, com tanto desassombro tirarem a espada diante do inimigo, a conservaram, como autoridade dum governo constitucional, embainhada diante dum motim popular.

(Sessão da camara dos deputados dr 16 de julho de 1854).

---

(1) José Estevam foi nomeado 2.º tenente de artilharia por decreto de 4 de abril de 1833. Era ao tempo cavaleiro da Torre-espada, cabo de esquadra do batalhão academico, com cuja fardeta ainda se bateu brilhantemente na tomada do Covelo (uma das baterias miguelistas) em frente do Porto, em 9 daquele mez.

Movimento local

Anotações do passado (1913)— *Dia 14 de novembro.* — Passa na estação desta cidade, onde é cumprimentado, de regresso da sua excursão ao norte, por onde andou em propaganda politica, o ilustre chefe democratico, sr. dr. Afonso Costa, que realisara no Porto uma notavel conferencia.

Dia 15.—Procede-se á eleição suplementar de deputados em todos os circulos onde havia vagas, sendo eleitos, pelo Partido republicano portuguez, 34 dos 37 a eleger. No numero deles, numa estrondosa vitoria sobre todos os outros grupos, são eleitos por Estarreja e Aveiro os srs. drs. Pedro Chaves e Julio Sampaio.

Dia 16.—A chalupa *Creoula*, com tripulação do visinho concelho de Ilhavo, regressa dos bancos da Terra-nova e perde á entrada da barra de Viana um dos seus pescadores.

Dia 17.—Céssa definitivamente, por este ano, o trabalho de pesca nas costas do litoral.

Dia 18.—Com uma enchente colossal, exibe-se no *Teatro-aveirense* a fita cinematografica de grande exito *Quo-vadis?*

Dá-se em Carregosa o falecimento do grande prelado que foi o sr. Bispo-conde.

Dia 19.—Afunda-se, nas imediações da freguezia de Eixo, um barco carregado de chicoria que para ali seguia de visinhos campos.

Dia 20.—E' confirmado no logar de professor de alemão no liceu nacional desta cidade o sr. Agostinho de Souza.

Resoluções municipais. — A' sessão ordinaria de 5 do corrente, cujo extrato não podémos fazer no numero anterior por absoluta falta de espaço, presidiu o sr. Bernardo de Souza Torres, secretariado pelo sr. Alberto da Cunha Azevedo, comparecendo os vogais srs. Ricardo Mendes da Costa, João da Cruz Bento e Manuel Barreiros de Macêde.

Aprovada a acta da sessão anterior, deferiu as petições de José dos Santos Jorge, de S. Bernardo; e Manuel Tavares Brandão, da Presa, para construções;

Submeteu á informação do tecnico municipal as que, para o mesmo efeito, lhe endereçaram Manuel Ferreira Ribeiro, de Nariz; Jorge Rodrigues da Silva e Carlos Moreira dos Santos, de Verdemilho; Manuel de Oliveira, de Eirol; Antonio Vieira Rato, da Costa do Valade; Casimiro Ascenço e José João Ascenço, do Bomsucesso; Manuel Rodrigues Vieira, do Marco; Manuel Simões Lameiro, de Requeixo; e Manuel Simões Picado, da Povoa do Valade;

Concedeu a licença de 15 dias pedida pela professora da Escola-central feminina, D. Ana Augusta Dias;

Fez a Joana da Graça, viuva, desta cidade, a concessão, que pediu, dum terreno no cemiterio publico onde está sepultado seu marido, João Rodrigues da Paula; e

Autorisou o pagamento das diversas despezas feitas.

Sob a presidencia do seu presidente, sr. dr. Luiz de Brito Guimarães, secretariado pelo vogal José Casimiro da Silva, reuniu tambem, na segunda-feira ultima, o Senado-municipal.

A essa sessão, que foi quasi que exclusivamente destinada á remodelação do seu Codigo de posturas, compareceram os senadores Abel Augusto de Pinho, Alberto da Cunha Azevedo, Antonio Maria Ferreira, Bernardo de Souza Torres, Evaristo Rodrigues, Fortunato Mateus de Lima, Francisco Valerio Mostardinha, João Francisco Leitão, João José Trindade, João Pinto de Miranda, José Joaquim Fernandes, José Nunes da Ana Junior, Manuel Antonio Camêlo, Manuel Barreiros de Macêdo, Manuel Gonçalves Nunes, Manuel Nunes de Figueiredo, Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, Pompeu da Costa Pereira, Ricardo Mendes da Costa e Tomaz Vicente Ferreira.

As suas resoluções:

Aprovar a acta da sessão anterior e realisar daqui em deante as suas sessões em dias alternados, ou sejam as segundas, quartas e sextas-feiras, pelas 14 horas precisas;

Habilitar a sua Comissão-executiva a proceder a diversos pagamentos dando a sua aprovação ao 2.º orçamento suplementar do corrente ano;

Começar a revisão do seu novo Codigo de posturas, aprovando, mediante pequenas alterações, os capitulos relativos a aguas, fontes e tanques publicos, lavadouros, animais, arvores, arvoredos, passeios publicos e baldios.

Conforme a resolução anterior, o Senado reuniu de novo na 4.ª feira ultima para proseguir nos trabalhos de revisão das suas novas posturas.

Presidiu egualmente o sr. dr. Brito Guimarães, sendo a assistencia a da sessão anterior.

Lida a acta, deu sua ex.ª conhecimento de que recebera naquela ocasião a noticia da morte, em Lisboa, do antigo presidente do municipio, o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que á Camara, ao concelho e especialmente á cidade prestára serviços de valia, que aí estavam atestando a sua util passagem pela governação municipal. Ingratidão seria esquecêl-os, e no animo do Senado estava decerto prestar homenagem a quem dela se tornara credor.

Lia na expressão de todos o pezar com que ele via desaparecer do numero dos bons servidores do municipio aquele que tão exuberantemente se soube patentear por melhoramentos que aí estão marcando a sua gerencia, e propunha se adiassem para outro dia os trabalhos a fazer hoje, levantando-se a sessão como preito ao ilustre morto.

A proposta foi unanimemente acolhida, resolvendo-se ainda lançar na acta um voto de sentimento, e que a Camara se faça representar no funeral.

Agremiações locais.—Nas salas do *Recreio-artistico* recomeçaram no domingo ultimo as reuniões dançantes interrompidas pela epoca balnear. São sempre muito animadas e concorridas pelos socios e suas familias.

Liceu de Aveiro.— Baixou ordem, á reitoria do liceu nacional desta cidade, para serem sanc ionadas as matriculas de alguns alunos que esperam dispensa de edade para entrarem.

Aguas.—Como referimos em tempo, veio a Aveiro, a requisição da Camara municipal, um tecnico do «Laboratorio de higiene do Porto» a fim de colher e levar para exame algumas das aguas de que a cidade faz uzo. O resultado dessa analise, é, quanto á da fonte do Senhor das Barrocas, que produziu aquela série de febres intestinais a que levianamente se chamou o tifo, como diz o relatorio:

Dureza total, graus franceses, 6,17; residuo sêco a 110.º, 0,257; oxydabilidade em 0, 4,80; cloretos em nace, 93,60; azoto amoniacal, nulo; idem nitroso, contem; idem idem, nulo; o que quer dizer que se trata de agua má, impropria para consumo.

Ha, como se vê, absoluta necessidade de se dotar a cidade com o importante beneficio do abastecimento de boas aguas, o que a Camara tenciona fazer, se, como sempre, se não opozerem embaraços e pequenas coisas politicas á sua realisação.

Pela imprensa.—Algumas referencias dos camaradas da imprensa ao nosso jornal pela iniciação da sua publicação em seis paginas e seus escritos:

Do *Debate*, Coimbra:

"Campeão das Provincias,,— Este nosso colega de Aveiro, que é o decano dos jornais portuguezes, começou a publicar-se agora com 6 paginas, melhorando as suas antigas secções e criando outras, entre elas a *Colectanea-aveirense*, muito interessante, que abre com uma carta dirigida pelo grande orador José Estevão ao visconde de Benalcanfor, da qual recortamos estes periodos:

. . . . . .

Da *Leiria-ilustrada*, Leiria:

"Campeão das Provincias,,— Este nosso brilhante colega, acaba de introduzir importantes melhoramentos na sua confeção, passando a publicar-se com 6 paginas.

Felicitando-o, desejamos-lhe todas as prosperidades.

Da *Independencia de Agueda*, Agueda:

"Campeão das Provincias,,— Passou a sair uma só vez por semana, provisoriamente, e com 6 paginas, aquele antigo colega de Aveiro.

O *Povo da Murtosa*, Murtosa:

"Campeão das Provincias,,—O nosso colega de Aveiro *Campeão das Provincias*, principiou a publicar-se com seis paginas.

Começou a publicar-se entre nós mais um jornal: o *Riso do Vouga*. E' seu director o sr. Francisco do Nascimento Correia, e declara-se republicano independente, prometendo ilustrações de Romão Junior e de Carlos Ribeiro.

Muitas prosperidades.

Boletim oficial.—Foi exonerado do cargo de tesoureiro da fazenda publica no concelho de Ilhavo, o sr. Marcos Ferreira Pinto Bastos.

Ha varios pretendentes ao logar.

Foi nomeado presidente do juri encarregado do julgamento dos reus politicos de Leiria o sr. dr. Adolfo de Oliveira Coutinho, que foi delegado do procurador da Republica entre nós, ha pouco promovido a juiz.

E' para todos, o digno magistrado, um penhor de justiça.

Desastre.—No domingo, perto da noite, sucedeu passar na Mourisca um automovel da «Casa Trindade & filhos», desta cidade, com velocidade pequena, quando uma rapariga, por ter ouvido a buzina, saia rapida de casa a fim de enchptar umas galinhas que temia ficassem debaixo dele. Tão perto vinha, porem, o carro, que o *chauffeur* mal teve tempo para diclinal-o para uma parede. Assim, só o guarda-lamas bateu na rapariga, fazendo-a caír a pouca distancia. O veiculo parou logo, e o *chauffeur* e passageiros desceram encontrando-a sem sentidos, muito escoriada na cara e ver. tendo sangue pelos ouvidos.

Acudiu muita gente, que queria espancar o *chauffeur* e desfazer o automovel, mas appareceu gente de ordem e o regedor que a isso obstaram, sendo a creança conduzida a Agueda, no mesmo automovel, acompanhada pela autoridade.

Ali o medico, sr. dr. Albano Pereira, prestou-lhe os necessarios socorros, verificando que havia fratura da base do craneo.

A rapariga, que tem 9 anos e é filha de Maria Ferreira de Jesus, foi novamente conduzida a casa, indo o *chauffeur*, Antonio Salgado, apresentar-se á prisão, de onde ao outro dia saiu afiançado.

O ferimento é grave, mas o *chauffeur* não teve a menor culpa no desastre. Quem mandou a rapariga pôr a salvo as galinhas sujeitando-a ao inevitavel áquela altura, é quem tem neste caso a responsabilidade inteira.

O seu a seu dôno.

O vôo das aves.—O sr. João Martins Fernandes, de Fermentelos, matou ha dias, no Farol, uma gaivota que tinha duas anilhas, ambas com a seguinte inscrição: *In-form Witherdy ich Holborn London* e os numeros, a mais pequena, *34:787*, e a maior *35:895*.

O leite.—Está-se notando a falta de leite na cidade.

Escacez de pastagens? Mas as chuvas que tem caido, fizeram incalculavel bem aos campos, onde as ervas pulam agora.

O gado suino. — Corre caro, o gado suino entre nós. Muita gente tem deixado de comprar esperando melhor oportunidade.

Contra a debilidade. — Recomendamos aos nossos leitores o «Vinho nutritivo de carne» e a «Farinha peitoral ferruginosa» e *contra a tosse* o «Xarope peitoral James», da Farmacia de Pedro Franco & c.ª—Rua de Belem, 147, Lisboa

Carteira de apontamentos

FESTAS DE FAMILIA:

Fazem anos:

Hoje, as sr.as D. Rosalina Henriques Nazareth Monteiro e D. Cicilia Cruz da Fonseca e Silva.

Amanhã, os srs. Antonio J. Batista Cardote e Antonio Ferreira Pinto de Souza.

Alem, a sr.ª D. Libania Herminia Barboza de Magalhães, e o sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz.

Depois, as sr.as D. Emilia de Rangel, D. Ana de Castro e Lemos, D. Maria Julia d'Araujo Abreu Barros Bacelar, e o sr. Antonio da Silva Melo Guimarães.

Em 18, o sr. José Ferreira Brandão.

Em 19, os srs. Carlos da Silva Melo Guimarães e dr. Francisco Antonio Pinto.

Em 20, a sr.ª D. Maria Augusta Rangel de Quadros Oudinot.

◆ Após a cerimonia do registo civil, consorciaram-se na egreja matriz de Ilhavo, ha dias, a sr.ª D. Silvia Tavares, interessante filha do sr. dr. Samuel Maia e da sr.ª D. Rosa Tavares, com o sr. João d'Oliveira Quininha, habil capitão da marinha mercante, dali.

Foram padrinhos o clinico sr. dr. Joaquim Machado, e a sr.ª D. Marilia Tavares Pinto Basto.

Os noivos seguiram para Lisboa, onde passam a lua de mel. Dejamos-lhes todas as venturas.

VISITAS

Estiveram em Aveiro os srs. Manuel Gonçalves Nunes, Vicente Verissimo, Joaquim Nunes da Silva, Manuel dos Santos Silvestre Junior, dr. Jaime Lima e esposa, padre Antonio dos Santos Pato, Leonardo de Sonza Maia e esposa, Francisco Valerio Mostardinha, Elias Marques Mostardinha Junior, Manuel Marques Simões, Manuel Teixeira Ramalho, José Joaquim Fernandes, José Bernardino Simões dos Reis, Adelino Tomaz da Silva Ribeiro, Joaquim Marques Saraiva, João Maria da Silva Henriques Manuel Maria Amador e Manuel Marques Ribeiro.

◆ De visita aos seus, esteve em Aveiro, tendo de novo partido para Lisboa, o sr. Vasco Soares, ha dias regressado da Guiné, para onde volta em breve no desempenho do seu cargo de comissario de bordo da «Empreza nacional de navegação».

◆ Esteve no domingo ultimo em Aveiro, tendo-nos dado o prazer dos seus cumprimentos, o nosso bom amigo e ilustre advogado em Lisboa, antigo magistrado do juiso de instrução criminal, sr. dr. Pedro Chaves, que nessa mesma tarde regressou á capital.

VERANEANDO:

Em visita a seu genro e filha, o sr. Sebastião de Lemos e Lima e sua esposa, segue em breve para Moreira da Maia a sr.ª D. Rosalina d'Azevedo, capitalista nesta cidade.

◆ Já regressou da Costa-nova o nosso estimavel patricio, sr. Bento de Carvalho.

◆ Da sua casa das Quintãs regressou o sr. Fortunato Mateus de Lima, sua esposa e filhos.

◆ Regressou com sua esposa e filha do Farol o sr. Francisco Augusto da Silva Rocha.

◆ Tambem já regressou da Torreira, com sua esposa e filhos, á sua casa da Mealhada, o sr. Antonio Dias Capela e Silva, importante industrial naquela localidade.

◆ Regressaram tambem do Farol á sua casa de Agueda a esposa e filhos do sr. Fernando Aires da Costa, digno escrivão e notario naquela vila.

◆ Já regressaram tambem da Costa-nova as sr.as D. Joana de Melo Magalhães e sua filha.

OS QUE PARTEM:

Retirou da sua magnifica vivenda da Povoa, de Recardães, onde passou algum tempo, para a sua casa do Costeado, a sr.ª D. Maria José de Tavares Ferrão do Amaral.

◆ Segue em breve para o Brazil, onde é importante proprietario, o nosso estimavel patricio e amigo, sr. Manuel Marques Ribeiro. Boa viagem.

ENFERMOS

Tem passado ligeiramente incomodado de saude o sr. dr. Inacio Brandão de Vasconcelos.

◆ Está quasi completamente restabelecido o sr. Luiz Bernardo de Almeida.

Sreviços do exercito

Foi promovido a capitão, pelo que daqui o abraçamos, o tenente da administração militar, nosso presado amigo e conterraneo, sr. Fernando de Vilhena.

Está designado para substituição do sr. dr. Zeferino Borges, capitão-medico do 24, o sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz, que já no mesmo corpo em tempo prestou excelentes serviços.

Em visita ao 3.º batalhão do 28, aguartelado em Agueda, esteve ali na segunda-feira ultima o sr. Pereira Blanco, general comandante da 5.ª divisão militar. Folgamos

As duas unidades da guarnição desta cidade tem estado, desde ante-ontem, de prevenção.

Um paiz rico

Nós somos, incontestavelmente, um paiz a abarrotar de dinheiro.

Como se sabe o ministerio da guerra ordenou se proceda a novas inspeções em todo o paiz, indo os rapazes já julgados e de resalva definitiva em punho apresentar-se á séde de cada divi ão a fim de uma nova junta dizer da justiça com que cada um deles se isentou do serviço militar.

Do concelho de Aveiro, que é composto de dez freguezias, devem sêr submetidos áquele exame nada menos de 124 mamcebos

Mas ha no distrito, que não dos ma o es, concelhos como o da Feira, onde o numero triplica.

Ora só os de Aveiro gastam ao Estado, em transporte pelo caminho de ferro, a quantia de 163$68, indo alem disso munidos dum subsidio de marcha, de $24, ou seja de importancia total de 29$76.

Esta com aquela parcela prefaz a sôma geral de 193$44.

O paiz está dividido em 254 concelhos. Dando de barato que todos eles, em média, dispendam igual quantia, teremos que o Estado está gastando com tais inspeções a bagatela de 48:773$76! Fóra o resto.

Somos ou não um paiz onde o dinheiro abunda por tal modo que podem repetir-se actos desta natureza, que custam a ninharia de 50 contos aproximadamente?

Sem duvida nenhuma.

Conveniente era que, em vêz de se fazer só a revisão das inspeções de 913, se fosse, como em começo se disse, a todos os anos anteriores, para dar vasão á mesquinharia de 633:548$88 (seis centos trinta e tres contos quinhentos quarenta e oito mil oito centos e oitenta reis), que o Estado tem ao canto da gaveta sem têr em que empregar melhor.

Não era bom?

E para coroar depois a obra toda, venha um imposto de guerra, que vem a matar...

Créme Simon

Sem prenome

TODOS os dias se veem aparecer novos especificos para a pele; são quasi todos falsos. Só o *Créme Simon* dá côr e beleza naturais. E' vendido ha 50 anos em todo o universo apesar das contrafações. O *pó de arroz* e o *sabão Simon* completam os efeitos higienicos do Créme.

SERÕES

(192)

Penhor materno

DECIMA PARTE

TRADUÇÃO DE **JOSÉ BEIRÃO**

X

Frente a frente

Fôra terrivel aquela manhã para o general Lostan. D. Pedro sentia necessidade de descarregar sobre alguem toda a colera que se lhe aglomerava no coração.

O general passeava impaciente pelo salão, quando um criado, correndo o amplo e pesado reposteiro de veludo, anunciou:

— S. ex.ª o sr. conde da Fé.

O general, que neste momento estava de costas para a porta, voltou-se repentinamente, tirou o chapeo, que até então conservara na cabeça, e encostando-se ao espaldar duma antiga poltrona, fitou o olhar no sitio de onde ouvia a voz.

O conde entrou com o rosto tranquilo e adiantou-se para o general com passo firme.

Por espaço de alguns segundos os dois inimigos olharam-se sem proferirem palavra, até que o general quebrou o silencio encetando o seguinte dialogo:

— O sr. conde deve estranhar a minha visita.

— Assim é, cavalheiro, mas não tanto que me prive de dar os parabens a mim mesmo.

— Se não receiasse ofender a susceptibilidade de pessoa de inteligencia tão elevada, atrevia-me a duvidar da boa fé das suas palavras, replicou o general Lostan.

— Sr. general, tornou o conde inclinando-se respeitosamente, apesar de toda a inteligencia que v. ex.ª me concede, não compreendo o motivo que a v. ex.ª obriga a duvidar da sinceridade das minhas palavras.

— Porque o conde da Fé não póde nunca esquecer a historia, que noutro tempo o ligou ao general Lostan.

— O conde da Fé, senhor, tem esquecido muitas coisas desde que a cabeça começou a cobrir-se-lhe de cans, desde o dia em que principiou a sentir frio no coração e entrou na edade do socego e da reflexão.

O general sorriu-se impertinentemente; mas este sorrir não contraiu um só musculo do rosto de D. Fernando.

— Não obstante, cavalheiro, tenho motivos para crêr que o conde da Fé não esqueceu tudo.

— Nesse caso, devo considerar-o injusto, sr. general.

E D. Fernando, levantando a fronte com altivez, acrescentou gravemente:

— Se o conde da Fé não tivesse esquecido, se no coração lhe vivesse a mesquinha ideia de vingança, ha muitos anos que, com uma só palavra, se teria vingado.

O general fez um movimento brusco, como se o houvessem ferido no rosto; porque as palavras do conde eram duma logica terrivel.

— Recorda-se, general, continuou o conde aproveitando-se das vantagens que ia ganhando, de que ha muitos anos que estou senhor dum segredo, que sepultei no fundo do meu coração, e que nunca assomou aos meus labios; não lhe lembro isto para que m'o agradeça, mas só para lhe provar que os da minha raça cumprem a sua palavra e nunca faltam aos juramentos que proferem.

O general levou a mão á fronte: parecia subjugado por aquele homem debil, doente, e a quem podia tão facilmente esmagar entre as mãos.

Mas aquele homem acabava de lançar-lhe em rosto uma grande verdade.

— Efetivamente, sr. conde, replicou o general, v. ex.ª cumpriu a sua palavra, guardou o meu segredo. Eu seria injusto se o não reconhecesse; mas tenho razões para duvidar e venho aqui expol-as, para que m'as conteste franca e categoricamente.

— Duvida, e de quê, general?! perguntou o conde com sorriso sarcastico.

— Procurarei explicar-me, pois não entrei nesta casa em som de guerra, mas com o ramo de oliveira propondo a paz.

— Paz, que eu aceito, mesmo antes de saber as condições que me são impostas.

O general via-se obrigado a dominar-se e a sufocar todo o odio, toda a tempestade que lhe rugia nalma.

— Eu seria injusto, repetiu o general, se não reconhecesse que o sr. conde guardou por espaço de muitos anos o importante segredo que o acaso lhe confiou; mas depois de esse silencio, que eu agradeço e admiro, é inexplicavel o seu procedimento ha tempo a esta parte. Daniel encontrou no conde da Fé um protector decidido, quasi inverosimil; é verdade que lhe não disse: «o general Lostan é teu pae» mas quem sabe se seria preferivel isso a tudo quanto tem sucedido desde o dia em que Daniel veio viver para esta casa?

— Creio que o sr. general, replicou o conde, não terá pretenções a fiscalisar o meu procedimento.

(*Continua.*)

A CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

Factos, aspectos e notas recentes

NO TEATRO DA GUERRA

A queda dum imperio

De todos os povos balcanicos que estavam avergados ao jugo turco, foi a Bulgaria que em ultimo logar alcançou a independencia, pois que a deveu á guerra dos Balcans em 1877. Reparou a Bulgaria essa demora por uma extraordinaria atividade que desenvolveu.

«O bulgaro, no seu arabá, diz um proverbio, persegue a lebre e apanha-a»; o *arabá* é uma pesada carroça, de rodas de madeira massiças, que é o instrumento principal do trabalho agricola na Bulgaria.

O povo bulgaro, com efeito, parece distinguir-se por grandes qualidades de paciencia e tenacidade. Foi liberto do dominio turco pelos russos, tendo o tratado de San Stéfane estipulado a formação de uma Grand-Bulgaria, desde o Danubio ao mar Egeu, sob o protetorado russo. Os bulgaros, se não morriam pelo protetorado russo, nunca se esqueceram, porem, da Grande-Bulgaria do tratado de San Stéfano, que passou a sêr a sua «grande ideia». Já em 1855 anexaram sem disparar um tiro, e por vontade dos seus habitantes, a Rumélia oriental com Philippopoli, o que elevou a população do principado a uns 4 milhões de habitantes.

Livraram-se os bulgaros, não sem custo, de influencia russa. Logo a seguir á guerra dos Balkans trataram febrilmente da sua educação militar, e, em 1983, recambiavam para a Russia os oficiais instrutores que o tzar lhes déra, não por puro desinteresse, como está bem de vêr.

Em 1886, o tzar Alexandre III, descontente com esta politica, forçou o principe da Bulgaria, Alexandre de Battenberg, a abdicar, apossando-se então da ditadura um joven ministro bulgaro, Stambuloff, que se manteve no poder mau grado os manejos do partido russo, e fez eleger, como principe da Bulgaria, Fernando de Saxe-Coburgo Gotha, sustentado pela influencia alemã e austriaca. Stambuloff foi assassinado pelos seus encarniçados inimigos, mas conseguiu assentar solidamente a independencia da sua patria.

O novo principe da Bulgaria estabeleceu depois relações amigaveis com a Russia, entrando num periodo da laboriosa atividade.

*

Os platós dos Balkans, que ocupam a sua maior extensão, são frios e pouco ferteis; mas Bulgaria possue bom minério de ferro em torno de Sofia, em Samakhov; os vales rumèliotas do Maritza e do Tundja são quentes e ricos; Karanlik tem imensos campos de rosas, e toda essa vertente meridional dos Balkans possue os mesmos frutos da zona mediterranica.

A Bulgaria tem um bom porto, Varna, e um porto de guerra novo, Bourgas; é atravessado pela grande via ferrea de Constantinopla, e entrou na grande circulação economica da Europa. Quando foi da revolução dos *Jovens-turcos*, a Bulgaria proclamou a sua independencia e o principe Fernando coroou-se tzar da Bulgaria na catedral de Sofia, aproveitando-se das dificuldades da politica otomana no momento. No ano findo tomou uma parte preponderante na guerra dos Balkans contra a Turquia, chegando a apoderar-se de Andrinopla, após sangrentos assédios que marcaram um memoravel cêrco. Ao concluir essa guerra e quando os paizes nela interessados tratavam de dividir a presa, os bulgaros cairam de surpreza sobre os gregos que tinham tomado Salonica, dando isso ensejo a uma série de combates desfavoraveis aos bulgaros.

A intervenção armada da Romania, até então neutral, investida no seu papel de *gendarme da Europa*, pôz a Bulgaria á beira da sua ruina, e a tal ponto que dentro em breve os proprios turcos a forçaram a evacuar de novo Andrinopla, perdendo assim os bulgaros, por culpa da ambição insofrida do seu governo, os principais resultados duma guerra acidentada e sanguinosa.

No conflito actual, aberto entre a Turquia e a Russia, a Bulgaria acaba de declarar a mais rigorosa neutralidade.

*

Ao sul da Africa.

Lourenço Marques, 12—10—14.—Meu caro Firmino. —Curiosos jornalistas pedem para cá noticias telegraficas sobre o que por cá vai a estas horas. Vou descrever-te o quadro, sendo o nosso *Campeão* o unico, talvez, de todos os jornais do paiz a dar conta, na altura em que esta chegar, do que por via telegrafica ainda se não disse.

Estamos ainda em outubro; as chuvas só agora começam, os exercitos beligerantes teem de socegar mais um bocado porque os movimentos das tropas são mais dificeis e, nestas condições vão-se compondo para no verão recomeçarem as hostilidades com mais ardor.

Quer dizer: temos ainda guerra para muito tempo. Estamos a 12 e a expedição portugueza é esperada em 15, pois só hoje de manhã é que saiu do Cabo.

A Camara de Lourenço Marques vai oferecer ao *Almirante Reis*, que vem comboiando o *Durban Castle*, uma taça de prata, oferta da cidade á marinha de guerra, devendo a expedição sêr aqui calorosamente recebida, como pódes vêr pelo convite que profusamente aqui foi distribuido e de que te envio um exemplar:

Pró-Patria.— Portuguezes:— **Chegam brevemente a esta cidade soldados e marinheiros da** nossa pátria, que veem defender os nossos lares, nossas vidas, a integridade desta colonia que tanto amamos.

Ir espera-los e manifestar-lhes todo o nosso entusiasmo pela sua chegada, é uma obrigação:—São os representantes duma geração que deu mundos novos ao mundo, são os portadores do brio e dignidade nacional que bastantes marcos miliários marcaram nas paginas cheias de sintilante gloria dum Portugal audaz e heroico.

Abateram-se no nosso paiz, na hora suprema de uma conflagração terrivel, as bandeiras dos partidos politicos e dos ideais mais avançados. Perante a realidade do perigo e do dever, ficaram todos convencidos que acima das sublimidades do pensamento, das adesões e dos agrupamentos em que militavam, sobresaía, une indivisivel, a divisa santa e arrebatadora:—*Pró-patria!*

Pois bem! E' preciso que á chegada dos nossos irmãos de armas, soldados e marinheiros, Lourenço Marques afirme á luz benefica do sol, o seu consciente e verdadeiro entusiasmo e, manifeste, com jubilo natural, a sua imensa alegria pela chegada de seus irmãos de armas e a sua completa adesão para, se fôr necessario, oferecer tambem nossos peitos como muralha invencivel afim de evitar que o mais pequeno desdouro possa salpicar a bandeira sagrada das quinas, que tremularam nas cinco partes do mundo, sempre vencedoras, sempre honradas, sempre cobertas de gloria.

Deixemos o marasmo que nos podia avassalar ilusões que vimos desfeitas; os homens morrem e a Patria fica. E para que as futuras gerações nos possam abençoar o esforço de engrandecer Portugal como nós abençoamos a alma dos nossos antepassados que deram toda uma vida para que sejamos ainda portuguezes, rasguemos o envolucro onde se escondem maguas de carater politico e confraternisemos pela unica ideia que nos poderá ligar e igualar:—*Pró patria.*

Que ninguem falte! Que cada braço portuguêz empunhe uma bandeira nacional, um braçado de flores, uma palma de vitores e ao desembarcar os nossos soldados, gritemos-lhe cheios de sagrado amor: Viva o Exercito portuguez! Viva a marinha nacional! Viva a Patria!

Um grupo de portuguezes.

A Ponte-cais, que tem mais de um quilometro de extensão, e as suas largas avenidas, devem estar á cunha nesse dia. Ha um grande entusiasmo.

Tenho pena de não poder acompanha-la para o Niassa, apesar do tempo sêr mau para ali, pois estou a vêr que me não deixam ir.

A região para onde as tropas seguem é insalubre. Começou agora o verão aqui e portanto a época da chuva, má ocasião para operações, sem comodidades, sem abrigos, sem alimentação regular e talvez dentro de um ou dois mezes, o maximo, uma parte das praças esteja nos hospitais por que os cuidados que com elas se póde ter não são grandes.

Daqui te direi das manifestações que á expedição forem feitas, bem como o que fôr sucedendo, quer aqui fique, quer me mandem para o Niassa, como é meu ardente desejo.

Como o Messano de Amorim é meu amigo, é natural que de mim se lembre. Isto assim é uma vida muito insipida; esmorece a gente quando tem sensações novas a espertar nos, e se isto é guerra, todos devemos contribuir na medida das nossas forças para que o resultado nos seja favoravel. Não é com palavras que isto se consegue, mas sim com obras. A mim basta acenarem-me, e irei logo.

Os camaradas que aí estão em Portugal é que podem sêr mais felizes, porque teem probabilidades de ir á França, á Belgica, á Alemanha, e, fracamente, não é para desprezar uma viagem dessas. Alguns terão essa sorte.

As noticia que daqui posso transmitir-te neste momento, por que correm em todas as bocas, são as seguintes:

O cruzador alemão *Konigsberg*(1) tem andado por cá a fazer das suas. Já pregou com diversos navios mercantes, inglezes, no fundo, tirando-lhes primeiro o carvão, e parece que andou ha dias entre as ilhas do arquipelago de Angoche, que são nossas, efetuando um desembarque... para colher lenha.

Da Beira dizem que os pequenos vapores alemães estavam muito ocupados em meter carvão, e que sairam o vapor *Adjudaut* e os paquetes *Leutnant*, *Kadett* e *Linda Woermann*. Não sei para onde iriam, mas é possivel que fossem fornecer de combustivel o *Konigsberg*, pois não se explica a saida de tais barquinhos, quando não teem portos alemães para onde ir.

Hoje diz-se que o tal *Konigsberg* tem andado a navegar nas proximidades da provincia. Para que? Não sei, mas é notavel a coincidencia de se aproximar deste porto na ocasião em que se espera a expedição portugueza.

Por este correio te mando um jornal daqui, o *Guardian*, e com ele um suplemento ao mesmo, por onde verás que as coisas na Africa-do-sul se estão complicando com a sublevação dos boers. Ela é muito grave e é preciso notar que o boer é de origem holandeza e que a Holanda, embora se tenha declarado neutral, póde tornar-se beligerante de um momento para o outro, o que mais complicaria a questão.

Bismark dizia «que o poderio inglez havia de quebrar-se na Africa-do-sul e na India». Será isto já o principio? Oxalá não.

Ao Niassa ia todas as semanas um alemão, creio que o secretario do governo de Dar-es-Salan, ou outro de categoria, conversar com o governador da Companhia, e naturalmente vêr o que se ia passando, mas o comandante militar, tenente-coronel Duarte Augusto Gonçalves, nomeado para este cargo logo que se falou na vinda da expedição, revoltou-se com isso, tanto mais que portuguez não vai nenhum a Dar-es-Salan, e mandou-lhe um oficial dizer que não voltasse ali por que ele o não permitia, visto a nossa situação de paiz neutro.

Ora aquilo é uma coisa muito grave e que depõe extraordinariamente, a sêr verdade, contra o governador daquela companhia, dr. Matos Dias.

Oxalá isto fosse falso, mas as cartas dali recebidas dizem sêr pura verdade.

Será? Dentro de pouco o veremos todos, e eu o relatarei aos leitores do *Campeão*.

Julio

*

General Joffre

Sobre a alta personalidade do genralissimo francez, escreve uma gazeta londrina, entre outros, estes interessantissimos traços:

«Todos se ocupam do general Joffre, o generalissimo do exercito francez, e são muitos os que o comparam benevolamente com Napoleão.

Raras vezes o têem visto montar a cavalo; mas a sua figura tem certa similhança com a de Bonaparte, pela sua robutez de homem pequeno e forte. Emprega uma boa parte do dia percorrendo as linhas em um automovel baixo e veloz. Ser-lhe-ia impossivel visitar todos os pontos importantes e seguramente confia noutros chefes que cuidem do cumprimento do seu plano estabelecido. Um genaralissimo deve manter o contato pessoal com as suas tropas, mas sendo isso impossivel numa frente de tanta extensão, provavelmente Joffre instruiu nos respetivos papeis as suas sentinelas ou oficiais de guarda.

Entende-se, porem, que Joffre deve ter na mão os fios deste tremendo sistema.

Sabe-se que passa muitas horas do dia no quarto do telefonio com o auscultador pegado ao ouvido. Os generais do estado-maior estão constantemente inclinados sobre os mapas, examinando todos os pontos estrategicos do paiz; mas Joffre não carece desse estudo, porque na sua memoria tem profundamente gravados todos os rios, vales e montanhas. E' homem calmo, tanto na guerra como na paz. Tem confiança em si mesmo e confia tambem nos demais. O seu estado-maior não duvidou, nem por um momento, da sua capacidade para a vitoria e esta convicção transmitiu-se á massa das tropas.

O seu melhor timbre de gloria é a organisação do seu estado-maior. Escolheu os maiores talentos militares de França e coordenou as suas forças admiravelmente. Conjurou a ação da politica que envenenava o exercito francez. Isso é tanto mais para notar quanto as suas proprias opiniões politicas são opostas ás dos chefes que o rodeiam. Os seus cofidentes foram desde logo os generais Pau e Castelnan, nenhum deles pertencentes á sua escola nem correligionarios seus em politica.

O resultado da sua firmeza e simples intenções é que atualmente dirige a maquina de guerra mais formidavel do mundo. Quando foi necessario cortar a carreira de cinco generais que haviam demonstrado fraqueza durante umas manobras, não hesitou um momento. A sua propria carreira fe-la rapidamente. Aos 16 anos era bacharel; aos 17 entrou na Escola -politecnica. Entrou na guerra de 1870 como segundo tenente, distinguindo-se pelo seu valor e nos trabalhos de fortificações. Nas de Paris demonstrou tais aptidões, que Mac Mahon o fez capitão aos 22 anos.

Não é um militar de parada, não tem *pose*. E' um soldado simples, moderno e scientifico. E' um sabio que não tem os defeitos do sabio. A maior parte das suas teorias sustentam-se com um admiravel senso pratico. Considera-se um simples soldado, e sabe o que se espera dele.

Joffre mal era conhecido no mundo quando foi designado para comandante do exercito francez em 1911. Poucos tinham ouvido o seu nome. Tinha trabalhado e silenciosamente trabalha agora, como compete ao seu alto cargo.»

*

Na Varsovia

Acêrca da grande batalha heroicamente ganha pelos russos, dá um correspondente de Petrogrado estas informações:

«Os alemães, comquanto lutem obstinadamente em diversos pontos, são forçados de dia para dia, a retroceder na direção de Radom. Os russos teem agora desenvolvido toda a ofensiva tanto a leste como ao norte e forçam o passo com grande coragem.

A maneira de atacar dos cossacos, que não seguem nenhuma regra e que cáem sobre o inimigo como uma torrente de lava destruidora, causa um verdadeiro terror panico. Na batalha perto de Przemysl um batalhão de caçadores hungaros, tomado de terror pelo seu ataque inesperado, pôz-se em fuga, largando os soldados não só as espingardas e as moxilas, mas tambem os capotes e abandonando as metralhadoras e os carros e munições.

Tres regimentos de hussares-hungaros executaram uma carga contra as baterias russas na orla de uma floresta. No mento em que iam atingir as baterias, uma massa de cossacos saíu da floresta. Os hungaros, que tinham carregado sobre as baterias, foram dominados por um terror indiscritivel quando viram os cossacos precipitarem-se contra eles de todos os lados.

Um oficial de artilharia, que descreve a scena, diz que foi espantosa a impressão causada pelos cossacos. Até os gritos cortantes dos homens atingidos pelas lanças não pareciam gritos humanos. Todos os esforços para reunir os hungaros foram inuteis; em menos de um quarto de hora os campos, no espaço de um quilometro, estavam juncados de homens e de cavalos.

---

(1) A proposito do *Koenigsberg* chegam telegramas dizendo que ele foi bloqueado na embocadura do rio Rufiji, ao sul de Dar-es-Saalam, Africa-oriental alemã. Não podendo escapar, a sua tripulação desembarcou e entrincheirou-se, sendo bombardeada pelo cruzador inglez *Chatham*.

O *Koenigsberg* esteve nas costas africanas na *missão* a que se refere o nosso presado correspondente de Lourenço Marques, e por ultimo atacou em Zanzibar o cruzador inglez *Pegasus*, que ali entrara a sofrer reparações e, desarmado como estava, não poude responder ao fogo do inimigo.

O *Koenigsberg* é um barco moderno, de pequena tonelagem, é certo, mas de grandde velocidade e bem artilhado.

Engarrafou-se e é barco perdido para combate.

Os cossacos são egualmente bons atiradores; mas, como a infantaria russa, não consideram como um real combate tudo o que não é luta corpo a corpo.

*

"D. Berta,,

E' o nome por que é conhecido, no seu paiz natal, o famoso canhão 42. Acêrca da sua designação, causas e efeitos, diz um correspondente no teatro da guerra:

«Consegui presencear o desfile de uma dessas monstruosas peças de artilharia, que fez ouvir a sua voz metalica e tremenda em Liège, Namur, Maubeuge, Manonvillers e Antuerpia.

Os soldados belgas chamam-lhe o *Moscardão*; os alemães a *Activa D. Berta*, por ser este nome o da senhora das grandes fabricas de Essen, onde se construe a monstruosa peça de 21 metros de comprido: Berta Krupp.

E' curioso o vocabulario que os germanos empregam nas suas referencias a esse prodigioso engenho de destruição:

Fazer a côrte a D. Berta, é dispôr-se a montar o canhão sobre a coronha, operação que se não executa muito rapidamente.

Dar cabo do dote de D. Berta, é disparar o morteiro, porque cada tiro custa a bagatela de 30:000 marcos.

O cortejo de D. Berta, é o nucleo de força que escolta e rodeia o canhão, tanto quando é transportado de um logar para outro, como quando está preparado para entrar em fogo. Este cortejo compõe-se de forças de cavalaria, de infantaria com metralhadoras e de artilharia ligeira. E' que é preciso pôr *D. Berta* a coberto de qualquer surpreza ou golpe de mão.

O cortejo separa-se da peça quando esta vai *falar*, colocando-se a uma distancia de 300 a 400 metros; do contrario, os soldados cairiam por efeito da tremenda pressão atmosferica que provoca o *espirro* do morteiro.

Vestir D. Berta, é cobril-a com uma extensa lona impermeavel de côr gris-verde, para a ocultar das vistas do observador inimigo, especialmente dos aeroplanos.

Cobrem-se igualmente os *fourgons* dos projeteis, os carros que conduzem as peças do famoso morteiro quando vai desarmado, e as grandes cintas com que se cobrem as rodas da coronha e do transporte da peça, para que se não enterrem no terreno.

Finalmente, o *toucador de D. Berta* é um grande vagão-automovel que encerra os escovilhões, os recipientes de gordura, as chaves e quantos objetos constituem a limpeza do morteiro e seu maquinismo.

A'cêrca da origem deste combatente colossal, circulam entre os soldados diferentes lendas, cada qual mais fantastica.

A verdade é que ninguem conhece, oficialmente, alem do grande estado-maior e dos engenheiros que os construem e disparam, o nome do seu inventor, nem o segredo da sua construção e maquinismo.

Todos os soldados são fervorosos adoradores do kaiser, e atribuem ao soberano a ideia do morteiro. Os apaixonados do kronpprinz, afirmam que a paternidade da formidavel peça lhe corresponde a ele, porque sempre demostrou preferencia especial pelos estudos da sciencia balistica, e que quando regressou de Dantzig, destinado ao estado-maior de Berlim, o menos foi o seu novo posto, e o mais o assistir ás provas do morteiro em Essen.

Dizem os propagadores da lenda que quando as provas se efetuaram no poligono destinado a essas operações, o estampido foi tal, que se ouviu a mais de vinte quilometros, e produziu tal alarme que, para o desvanecer, se recorreu, por parte das autoridades, ao expediente de fazer crêr que no campo de experiencias de canhões Krupp rebentára uma peça de 24 centimetros.

A lenda, no emtanto, mais generalisada entre os soldados, é a seguinte:

Um engenheiro quimico, auctor de diferentes explosivos, inventou um com o qual pretendia eclipsar os efeitos de todos os de Turpin.

Uma noite desapareceu do condado de Essen: e o rumor publico acusou-o de haver ido oferecer o seu invento infernal ao governo de outra nação, provavelmente ao da Inglaterra.

Ao fim de algum tempo, regressou á Alemanha e foi preso por ordem do governo imperial.

O engenheiro negou a sua traição; mas não pôde demonstrar a sua completa inocencia, e para redimir-se de culpa tão afrontosa, ofereceu planear a arma de guerra mais poderosa de quantas se conheciam.

Cumpriu a promessa, apresentando uma memoria, na qual fazia o estudo e a descrição de um novo canhão, que não era outro senão o morteiro de 42 centimetros, construido e experimentado na primavera de 1913.

Afirmam os que acolhem esta lenda, que os morteiros não saíram do seu parque até serem postos em marcha, em um trem especial, em direção a Liège; mas que nas manobras militares do ano passado, dirigidas pelo kaiser, e que, por sinal, tiveram aquela pagina dolorosa do incendio e destruição de um *Zeppelin*, na ilha de Heligoland, os engenheiros construiram grandes plata-fórmas de cimento armado, que depois se não utilisaram.

Ninguem sabia explicar para que eram esses trabalhos, que o proprio kaiser inspecionou; mas a explicação relaciona-se já com a presença do terrivel *Moscardão*, ou como os germanos lhe chamam, a *Activa D. Berta*.

*

A esquadra russa e a esquadra turca

A frota russa do mar Negro está constituida por navios de importancia, que parecem desproporcionados com os barcos de guerra que geralmente navegam sobre este mar.

As unidades navais russas constam primeiramente de quatro couraçados anteriores á época dos *dreadnoughts*, mas iguais em poder aos melhores dos seus contemporaneos.

Estes couraçados são: dois de 13:000 toneladas, lançados em 1906 e armados com 4 canhões de 305 milimetros e 4 de 203; e como a artilharia média e pequena: 12 de 150, 14 de 35 e 6 de 47 milimetros.

Os outros dois couraçados são mais velhos. Datam de 1900, o *Panteleimon* e o *Rostilaf*, o primeiro de 12:800 toneladas, e o segundo um tanto menor e com artilharia parecida á dos couraçados anteriores.

A estes quatro couraçados ha que acrescentar mais tres antigos, mas de boa artilharia: um de 13:500 toneladas, outro de 11:200 e o terceiro de 11:400.

Ao lado destes couraçados encontram-se alguns cruzadores protegidos de 6:800 toneladas e de 23 nós de velocidade.

A estas unidades juntam-se tambem quatro contra-torpedeiros de 245 toneladas, datando de 1901; nove de 356 toneladas, de 1903; e, finalmente, quatro de 615, lançados á agua em 1906.

Todos estes contra-torpedeiros têem 32 nós de velocidade.

Uma série de nove torpedeiros de 1:500 toneladas, recentemente construidos, completa a frota russa, com oito submarinos, os maiores com 680 toneladas e os menores com 120.

A marinha de guerra turca póde opôr a estas forças navais sete couraçados com menor valor por serem de construção mais antiga, e terem menos artilharia e de menor calibre, dois couraçados mais, comprados á Alemanha em 1891, de 10:000 toneladas, com 6 canhões de 28 centimetros, 8 de 105 milimetros e 8 de 88 milimetros. Finalmente, outros quatro couraçados com variantes entre 4:090 toneladas e 9:440.

São de construção antiga, reformados inteiramente em 1907, e todos armados com 4 canhões de 15 centimetros.

A Turquia não possuia nenhum grande couraçado ou *dreadnoughi*, antas de comprar o *Goeben*, de 23:000 toneladas, 28 nós de andamento e 10 canhões de 28 centimetros; mas tinha tres pequenos cruzadores couraçados modernos, sem contar o *Breslau*, de 14:550 toneladas, 27 nós de andamento e 10 canhões de 105 milimetros, igualmente comprado á Alemanha.

Estes tres cruzadores couraçados modernos são o *Hamidie* e o *Drama*, ambos de 3:800 toneladas, e o *Medjidieh* de 3:200, todos de velocidade superior a 22 nós, e armados com 2 canhões de 15 centimetros e 8 de 12.

Os torpedeiros são muito numerosos e de excelente andamento. Os contra-torpedeiros turcos são nove.

A Turquia conta mais com uma canhoneira couraçada de 500 toneladas, nove identicas, de 310, e finalmente seis de 185.

Em conjunto a frota turca é superior em numero de unidades á russa, mas é inferior quanto á artilharia grossa, pois conta com pouco mais de 22 canhões de calibre superior a 28 centimetros; emquanto que a russa possue 28 canhões de 205 milimetros e 4 de 254.

*

Notas varias

A *Gazeta-de-noticias*, do Rio de Janeiro, publicou o seguinte sobre a intervenção de Portugal no actual conflito europeu:

«Esse gesto tem um alcance futuro: é a reintegração de Portugal entre as forças vivas do velho continente, é a nova fase da terra magnifica, a caminho de todas as conquistas. Um dos grandes êrros das nações é viver do passado, julgando menos do presente. Portugal sofreu da opulencia da India e do epicorismo dos governantes. Como a eles bastava lembrar Nun'Alvares e Camões, nos discursos, aos poucos, a terra esqueceu o presente quando continuava a ser uma reserva de energia e de pureza. Os jovens republiconos compreendem o passado como o incentivo. Após o Doido da *Patria*, de Junqueiro, surgiu o filho de *Anteu*, de João de Barros querendo na sua intrepida inocencia continuar o sonho paterno. E' bem que seja assim. A decisão faz-se base da vitoria na vida. O grande momento historico poderia passar ao lado de Portugal sem ser visto pelos que o governam. Agora, Portugal está dentro desse momento, enfretando as consequencias, boas ou más, do futuro, mas vivo, mas energico, mas chamando sobre si o olhar da historia. Viver é querer. Querer é agir. Os soldados que embarcam para a guerra, levam Portugal de novo ao mundo. E' o mais ardente patriotismo. Entre o reino de D. Manuel, o *Venturoso*, e a presidencia do venerando Arriaga haverá esta diferença: a um deu a sorte a dilatação do mundo: a outro deu a inteligencia a consciente coragem de refazer, aos olhos do mundo, a sua propria terra.

Parece que sempre se organisará uma nova coluna de marinheiros com destino a Angola, composta de maior numero de praças, pois é grande o de oferecidos que já estão trabalhando para seguirem. Alguns teem entrado já em varias campanhas. Além desta, outras de tropas de linha se preparam tambem com destina a Moçambique.

O sr. ministro da guerra, depois de haver consultado os seus colegas, resolveu aceitar o oferecimento do sr. dr. José de Alpoim, nomeando-o promotor do conselho de guerra do corpo do exercito que se prepara para a expedição.

Falta vêr quem mais vai, de tanta gente que quer ver ir os outros...

Foi comunicado ao ministerio da marinha que, em virtude da guerra, o serviço de pilotagem e de faróes da Suecia foi modificado, e os navegantes, em consequencia das minas lançadas em diversos pontos das aguas territoriais, devem, para evitar acidentes, conformar-se estritamente com as prescrições das autoridades locais e não entrar nos portos sem piloto. Aviso aos mareantes.

Foi já entregue ao sr. governador-civil o produto liquido do festival realisado pela banda dos *Voluntarios* no Passeio-publico em favor da «Cruz-vermelha-portugueza». Essa quantia é da importancia de 34$32, pois do produto bruto, que foi de 39$50, se deduziram as despezas com impressos e outras, na quantia de 5$18.

A Camara-municipal concorreu com a despeza da iluminação de sua conta.

A intranqulidade do tempo, naquela noite, prejudicou um pouco o brilho da festa.

Os mortos

Faleceu, em Lisboa, para onde havia seguido daqui, ha algumas semanas, com o fim de sêr operado por virtude de um antigo padecimento de bechiga, o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Era natural dum florido e alegre recanto do distrito, no concelho de Oliveira do Bairro, mas como se aqui houvesse nascido se tinha, e todos o tinhamos em Aveiro.

Em Aveiro vivia ha muitos anos; aqui constituiu familia e aqui lhe nasceram os filhos; e aos interesses da terra, que adotara, ligou, com especial dedicação, uma grande parcela da sua actividade, dos seus largos anos, do seu trabalho desinteressado, da sua inteligencia e dos seus recursos

Foi assim que ele talhou a Avenida da Revolução e Praça Marquez de Pombal, que são hoje as mais lindas e mais importantes arterias da cidade, e que ergueu á grande obra de beneficencia que é o *Asilo-escola-distrital*, padrão que atesta o ousado exforço dum aveirense ilustre, o dr. Barboza de Magalhães, o edificio em que se albergam dezenas de creanças, e ainda a parte que dêle ocupa atualmente o regimento de infantaria 24.

O sr. Gustavo Pinto Basto gosou entre nós, durante um largo periodo, de uma grande preponderancia. Aproveitou dela quanto poude em beneficio do concelho, não querendo para si mais do que deixar o nome inscrito nos uteis empreendimentos da sua iniciativa. Nem tão poucos foram eles.

Gustavo Ferreira Pinto Basto

Tinha o grau de cavaleiro da extinta ordem de Aviz. Foi-lhe uma vez oferecida a carta de conselho, que rejeitou. Era tenente-coronel de infantaria, reformado, e comerciante. Estes, os seus titulos de nobreza. Não quiz outros e podia tê-los.

Sofreu, como tantos sofreram, duros ataques de veementes adversarios. O *Campeão* tomou nêles parte em determinada epoca. Mas sente sinceramente a sua perda e presta á sua memoria a homenagem da sua mais elevada consideração e da sua mais alta simpatia por quem, como o extinto, tão denodadamente lutou e com tanta tenacidade venceu.

O empedramento da Praça da Republica é obra sua. A elevação, que atingiram os rendimentos municipais são obra sua. O resgate do *Mercado Manuel Firmino*, que é hoje uma das melhores fontes de receita municipal, é obra sua. O *Mercado-do-peixe* é obra sua. O alargamento ou antes a abertura da rua que da de Manuel Firmino vai dar ao Côjo, é obra sua. O bairro da Apresentação é obra sua. A estrada da Pêga, que margina uma extensa faixa de marinhas da ria e dá curso ao transito até S Tiago, é obra sua. O Canal de S. Roque e a sua linda estrada de acesso ao caminho de ferro, são obra sua. A construção do *Teatro-aveiranse* é-lhe devida em grande parte. Foi durante a sua primeira gerencia que para o ministerio da guerra passaram as responsabilidades do encargo da divida do quartel de Sá á Companhia-do-credito-predial, e foi por sua interferencia nas coisas da administração publica local que foi creada a Junta de obras da barra e ria de Aveiro. E' egualmente trabalho seu a abertura da Avenida Castro Matoso e o perseguimento da Araujo e Silva. E tantos outros. O seu nome ficou ligado a tudo isto, como ele queria, e obras de vulto são elas quasi todas.

Custaram-lhe sacrificios, custaram-lhe vigilias, custaram-lhe fadigas sem numero.

Muitas vezes abonou do seu bolso o cofre do municipio. Assim conseguiu restabeler-lhe os creditos, até então abalados, por circunstancias varias. Foi, quasi sempre, uma epoca de luta sem treguas. A sua tenacidade triunfou. Tinha uma vontade de ferro. Sabia-a dominar quando era preciso, e impô-la no momento proprio. E, chegada a hora, esta hora extrema da ultima e mais dolorosa fase da sua vida, todos se abeiram do seu cadaver com magua. Presta-se á sua memoria o devido culto. Foi um homem. Soube sê-lo em lances graves e amargas horas.

Paz á sua alma e sobre o seu tumulo. A todos os feridos, especialmente áqueles a quem mais de perto a dôr atinge, os nossos sentidos pezames.

*

Como se vê do extrato da reunião camararia de 4.ª feira ultima, o Senado-municipal, que estava em começo dos seus trabalhos desse dia, levantou a sessão e lançou na acta um voto de sentimento pela sua morte, mal soube dela.

O sr. dr. Brito Guimarães, atual presidente da Camara, dirigiu á viuva, a sr.ª D. Maria José de Azevedo Ferreira Pinto, o seguinte oficio:

«Ex.ma Sr.ª. O Senado municipal aveirense iniciáva os trabalhos da sua sessão de hoje quando teve conhecimento de haver falecido em Lisboa o marido de V. Ex.ª; a quem este municipio teve como presidente e a quem esta terra deve serviços.

Relembrando-o e sentindo verdadeiro pesar pelo acontecimento, o Senado municipal presta a sua homenagem sincera á memoria do ilustre extincto, exara na sua acta de hoje um voto de verdadeiro sentimento pela sua perda, e levanta a sessão, resolvendo mais fazer-se representar no seu funeral. Saude e Fraternidade. O Presidente, Luiz de Brito Guimarães.»

O cadaver, que veio de Lisboa para esta cidade em camara ardente, chegou aqui ontem pela manhã, sendo trasladado para a egreja da Misericordia, de que fôra provedor, e á tarde, com largo acompanhamento, para o jazigo de familia que tem no cemiterio publico municipal.

Foi uma manifestação digna do finado. O comercio fechou as suas portas, e todas as associações locais tiveram as suas bandeiras a meia adriça.

Contava 73 anos; deixa viuva a sr.ª D. Maria José de Azevedo Ferreira Pinto Basto, e era pai do sr. dr. Egas Ferreira Pinto Basto, lente da universidade de Coimbra, e das sr.as D. Clodilde Pinto Basto Couceiro da Costa, esposa do sr. dr. Francisco Couceiro da Costa, governador da India, D. Clementina Gusmão Pinto Basto Calheiros, esposa do capitão de cavalaria, sr. Antonio Calheiros; cunhado do sr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, advogado e antigo juiz de direito; e irmão dos srs. Henrique Ferreira Pinto Basto e Marcos Ferreira Pinto Basto.

Era tambem vice-consul da Holanda nesta cidade.

O feretro do ilustre extinto foi coberto com a bandeira da Camara municipal, que é o pavilhão da cidade.

Faleceu tambem, por virtude de padecimentos longos, a menina Celestina Lopes de Melo, filha do nosso velho amigo, sr. comendador Silva Melo, de Segadães. A creança era o enlevo dos pais, e contra a afeção que a minava nada poderam os cuidados da sciencia.

Sentindo o acontecimento, enviamos os nossos pesames ao sr. comendador Silva Melo e a sua esposa.

No logar da Quintã, deste concelho, faleceu tambem a mãe do sr Ventura Simões Aidos, proprietario e industrial estabelecido em Agueda. A extinta era muito esmoler e dotada dum belo carater.

Ao sr. Aidos e sua familia, os nossos sentimentos.

Na Guarda, onde re-